

HOLANDESES NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS: UMA VISÃO COMPARATIVA

Sonia M. Bibe-Luyten

(Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo)

A HOLANDA: POTÊNCIA MARÍTIMA NO SÉCULO XVII

Se acionássemos uma máquina do tempo e apertássemos um botão que nos levasse ao século XVII, poderíamos reconstituir, com alguma surpresa, a visão de um mundo fascinante.

Do alto, veríamos um pequeno país europeu junto ao Mar do Norte, de cujos portos iriam saindo grandes frotas de navios em direção aos mais diversos pontos do globo, aportando em locais estranhos e exóticos.

Este é apenas um artifício para nos localizarmos no tempo e no espaço e verificarmos o quanto foi significativa a presença holandesa no mundo do século XVII.

Na realidade, o período setecentista na Holanda é caracterizado como o “Século dourado”, pois o crescimento econômico e vida cultural bastante rica formam um todo de realizações no país.

O mundo de então presenciou nos Países Baixos um crescimento muito grande, desde a construção de navios, feitura de roupas e tecidos, fabricação de sabão e outros produtos básicos para consumo, cortumes, bem como melhorias constantes na agricultura.

Politicamente, deu-se a confederação das Sete Províncias: Holland, Zeeland, Utrecht, Gelderland, Overijssel, Groningen e Friesland. Como "terras administradas" havia ainda as atuais províncias católicas de Limburg e Brabant.

Além disso, a vida cultural foi bastante intensa, ressaltando-se os nomes de pintores como Frans Hals, Jan Vermeer e Rembrandt van Rijn, o filósofo Baruch de Spinoza e o pai do Direito Internacional Hugo de Groot (Grotius).

A expansão comercial da Holanda fez com que se estabelecesse um império marítimo na América (Brasil, Estados Unidos, Suriname, Guiana, Trinidad-Tobago e Foz do Rio Amazonas), nas Índias Ocidentais, África (Guiné, Angola, África do Sul), Ásia (Indonésia, Ceilão, Formosa, Austrália, Nova Guiné) além de entrepostos no Oriente Médio, Rússia, Japão e Báltico.

Em 1621, com a criação da Companhia das Índias Ocidentais, garantiu-se o monopólio holandês sobre uma grande área do mundo. E "dentro deste território era permitido aos funcionários da Companhia se estabelecerem e governarem como eles bem entendessem, sujeitos apenas à supervisão do parlamento. A gerência da organização estava a cargo de um conselho de 19 diretores que normalmente se achavam em Amsterdam"¹.

Uma série de motivos econômicos, aos quais se aliaram problemas políticos, favoreceram o declínio deste poderoso império nos séculos seguintes. As mudanças políticas, muito frequentes, enfraqueceram o país que só veio a se recuperar muito mais tarde.

Em consequência, muito do que foi conquistado no século XVII, teve como destino ficar em mãos de outros países que detiveram monopólio dos mares em épocas subsequentes.

HOLANDESES NO BRASIL E EUA: INVASÃO X COLONIZAÇÃO (1609/1664)

Em sua expansão marítima, a Holanda não tinha, a rigor, os olhos voltados com muito interesse para a América, principalmente, a do Norte. Sua atração maior estava nas Índias (atual Indonésia), obviamente, por interesses comerciais mais evidentes. No entanto, após a viagem em 1609, de Henry Hudson, que estava engajado na Companhia das Índias Ocidentais, para alcançar o Oriente pelo Norte da América, a Holanda resolveu auspiciar uma série de expedições entre 1609 e 1614.

A partir da construção do forte Orange em 1617, às margens do Rio Hudson e o estabelecimento de colonos (protestantes refugiados) na ilha de Manhattan, — designada, a princípio, de New Netherland, hoje New York, iniciou-se a posse das terras norte-americanas. A figura do governador Peter Stuyvesant destaca-se, como principal, pela sua enérgica atuação e construção de muitos fortes. Nessa mesma época, estando a Holanda em luta contra a Espanha, que por sua vez dominava Portugal, ataca-a, por via das colônias portuguesas. Este foi o caráter da invasão que caracterizou a permanência dos holandeses no Brasil.

Primeiro, de 1624-1625, na Bahia (Itaparica) e, depois de 1630 a 1654, em Pernambuco, que era um dos lugares mais ricos do mundo, devido à exportação de açúcar.

Confrontando-se as duas permanências, no Brasil e nos E.U.A., podemos dizer que, neste primeiro período, os holandeses deixaram muito poucos vestígios nas terras brasileiras. Alguns autores que se dedicaram ao assunto, são unânimes ao dizer que praticamente nada de duradouro foi deixado aqui pelos holandeses, a não ser alguns fortes e poucos traços de cultura. Até mesmo os habitantes alourados no nordeste não podem clamar ascendência holandesa pois eles são, na grande maioria, simplesmente descendentes de portugueses do norte, até hoje chamados de “galogos”².

Nos EUA, até 1664, quando New Netherland caiu nas mãos da Inglaterra e a capital — Nieuw Amsterdam, passou a chamar-se New York, em honra ao seu novo proprietário, o Duque de York, os holandeses haviam deixado numerosos estabelecimentos (colônias) na América do Norte.

Apesar da ocupação inglesa, a colonização holandesa deixou marcas mais significativas, principalmente, no contingente humano.

Desses primeiros colonos, que iniciaram a semente da colonização holandesa nos EUA, grandes figuras como Theodor Roosevelt e Franklin Roosevelt (Rozenveld) foram descendentes. Foi significativa a existência de núcleos como a própria cidade de New York em 1664, que então tinha um total de 10.000 habitantes, dos quais dois terços eram holandeses, além de Harlem (*Nieuw Haarlem*) e Brooklin (*Breuckelen*).

O VAZIO DA PRESENÇA HOLANDESA NO BRASIL NOS SÉCULOS XVIII E XIX E A CONSOLIDAÇÃO DOS COLONOS NOS EUA

Os séculos XVIII e XIX foram, sem dúvida, as épocas em que ocorreram as maiores migrações que a história da humanidade conheceu.

Os países europeus, em geral, tinham problemas tanto de superpopulação como de ordem política, religiosa e econômica.

A Holanda, porém, não aparece tão significativamente na grande corrente migratória por várias razões que diversos historiadores tentam explicar. Dentre elas, a organização bem-sucedida da condição de vida dos holandeses aparece no topo. O fator religião também deve ser levado em consideração pois na Holanda havia muita tolerância na prática religiosa, ao contrário da Inglaterra, que propiciou grandes levas aos EUA.

Os holandeses são minoria entre os emigrantes que se dirigiram para o Brasil, pois o nosso país nunca esteve em primeiro lugar na opção dos emigrantes neerlandeses, que sempre preferiram países de clima temperado.

A partir do início de 1700 até o final de 1800, também nos EUA, os holandeses não representam, comparativamente, um número elevado em seu contingente populacional. Em 1790, por exemplo, eles representam uma porcentagem de 3,4% contra 60,9% de ingleses, 8,3% de escoceses, 9,7% de irlandeses e 8,7% de alemães³.

Apesar disso, nesse período, os holandeses na América do Norte tiveram sua cultura consolidada. A maioria dedicou-se aos trabalhos de campo (*boeren*) e tornaram-se verdadeiros pioneiros. Na busca de obter terra fértil e barata, desempenharam papel importante na conquista de novos espaços pelos lados de New York, New Jersey e Pensylvania. Um dos fatores que explica a persistência dos costumes holandeses na América colonial é a influência das Igrejas Reformadas. “Esta manteve a língua ancestral intacta nos serviços eclesiais por quase 150 anos, permitindo-a servir como força ligadora entre as pessoas de ascendência holandesa e absorver muitos elementos de outros grupos étnicos para o modo de vida holandês”⁴.

No Brasil são raras as referências sobre a permanência de holandeses após o período da Invasão.

Há notícias de estabelecimentos esparsos: em Nova Petrópolis (1800), em Santa Maria de Soledade (1859), e em Monte Alverne (1874), todas colônias no Rio Grande do Sul⁵.

No Espírito Santo, Jean Roche aponta a permanência de 120 holandeses entre 1857 a 1860, na colônia de Santa Leopoldina⁶.

Porém, entre 1700 e 1800, há pouca entrada de imigrantes no Brasil em geral, pois não há sentido em se colonizar o país quando a mão-de-obra é predominantemente escrava. O Brasil só vai pensar em recrutar

peçoal europeu para as lavouras de café — principalmente — promovendo a imigração e colonização de terras em zonas pioneiras, no fim do século passado e começo deste.

Nos Estados Unidos a escravidão é um fato também, porém, com ênfase maior nos estados sulinos. A continuidade do movimento migratório se fez pelo norte dos Estados Unidos e, desta maneira, explica-se a presença pouca, mas contínua, de povos europeus no país.

A FORÇA DO COOPERATIVISMO INCREMENTA A EMIGRAÇÃO HOLANDESA PARA O BRASIL

Comparativamente com italianos, alemães e, mais tarde, japoneses, os holandeses ocupam uma parcela pequena no contingente migratório que veio para o Brasil.

Após a II Guerra Mundial é que se verifica o grande surto de emigração holandesa, apesar de ser um país com pouca inclinação para tal. A mudança de mentalidade tem origem em causas econômicas e sociais decorrentes do pós-guerra. Pode-se dizer que houve uma verdadeira psicose de emigração na Holanda onde, em 1948, por exemplo, um em cada três holandeses consideravam a possibilidade de sair do país.

Uma das causas que se costumam apontar para a não-atração de países como o Brasil é a falta de informação sobre o nosso país na Holanda.

Em 1913 fundou-se a *Nederlandshe Vereniging Landsverhuizing* (Associação Holandesa para Emigração) e, em 1923, a *Emigratie Centrale Holland* (Centro de Emigração Holanda), mas, “apesar do trabalho útil desempenhado por estas organizações, somente uma pequena porcentagem se utilizava de seus serviços”⁷.

O que caracterizou a primeira fase de emigração holandesa para o Brasil (1889-1939), foi “o sentido de pioneirismo espontâneo, da desinromação, da pouca ajuda de órgãos oficiais, quer na Holanda como no Brasil, que pudessem orientar os emigrantes. Houve também o não-cumprimento das promessas feitas e das vantagens que lhes seriam oferecidas”⁸.

Até 1861, os holandeses que se estabeelceram nos EUA também enfrentaram inúmeras dificuldades, muita miséria, pouca alimentação e isolamento. Há notícias de muitos depoimentos pessoais e histórias de vida,

semelhantes aos do Brasil, relatando muito sofrimento em decorrência de doenças, fome e morte pelas condições precárias de vida.

Mesmo assim, nos EUA, algumas colônias prosperaram e, com a contínua chegada de novos imigrantes da Holanda, muitos dos habitantes fundaram mais estabelecimentos na zona pioneira (*far west*).

Até a I Guerra Mundial já se podia encontrar descendentes de segunda e terceira gerações, que se estabeleceram em novas colônias como em Iowa (sul de Minnesota) e Lynden (Washington).

No Brasil, é significativa a presença da colônia de Carambeí em 1911, que tem como fundadores alguns dos 3.456 holandeses que entraram no país entre 1904 e 1913 em consequência de desemprego, após uma greve nas docas de Rotterdam.

O que deu grande impulso às colônias do Paraná, fazendo com que saíssem da era do isolamento foi a abertura da linha ferroviária São Paulo-Rio Grande do Sul que, atravessando o planalto paranaense, pôs em contato os estados meridionais do Brasil com os do centro, facilitando o comércio.

Com a iniciativa de criar a primeira cooperativa de produção de latifúndios do Brasil em 1925 (de nome Batavo) a colônia de Carambeí não só prosperou mas serviu de modelo aos outros núcleos que mais tarde se fundaram no Brasil.

Podemos afirmar que uma das bases do sucesso da colonização holandesa no Brasil reside, boa parte, em função do modelo cooperativista.

Após a II Guerra Mundial, em seguida aos acordos dos governos da Holanda e do Brasil, que incluíam tanto a iniciativa de emigração individual como a grupal e dirigida, iniciou-se a expansão das colônias holandesas no Brasil.

Em São Paulo — Holambra I (1948), Holambra II (1960) — católicas. No Paraná — Castrolanda (1950), Monte Alegre (1949), Arapotí (1960) — protestantes; e Tronco (1953) — católica. Em Santa Catarina — Tijuquinhas (1950) e no Rio Grande do Sul — Não-Me-Toque (1951) — católicas. Mais recentemente, temos experiências mistas (tanto de protestantes como de católicos) em novas regiões, como Maracaju (Mato Grosso do Sul) e expansões de católicos no Rio Grande do Sul, como Panambi.

As cooperativas, em todas as colônias, não só ajudaram o grupo a viver em função delas, como também a projetá-las na sociedade brasileira.

Tanto a Cooperativa Batavo que, coligada com as de Castrolanda e Arapotí, integram a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCPL) como a Cooperativa Holambra, cobrem com seus produtos o mercado interno e até externo do Brasil.

Nos Estados Unidos, país para onde se dirigiu a maioria dos emigrantes após a II Guerra Mundial, houve uma mudança de preferência quanto a localização dos mesmos. Ao invés de estados como Michigan e Iowa, a Califórnia surge como preferida. Isto porque oferecia "melhor chance de trabalho e um futuro promissor para os filhos. Além disso, o estilo de viver dos californianos e o excelente clima do estado também ofereciam grande apelo"⁹. Isto vem demonstrar novos interesses para a vida urbana do que para o campo, contrariamente ao que ocorreu no Brasil.

É interessante notar a evolução dos imigrantes em locais diferentes, após o período da II Guerra. No Brasil, o processo torna-se mais acelerado, pois não há precedentes nos séculos anteriores, mesmo com a localização mais intensa na zona rural. Aí verificamos a importância das cooperativas como elementos de propulsão.

Nos EUA, a fixação na zona rural, em zonas pioneiras, dá-se inicialmente havendo, numa segunda etapa, maior preferência pela zona urbana e, conseqüentemente, maior diluição dos emigrantes na sociedade americana.

AVALIAÇÃO DA PRESENÇA HOLANDESA NO BRASIL E EUA E AS SUAS RESPECTIVAS CONTRIBUIÇÕES

Se tomarmos como ponto de partida um fator único que é o motivo de emigração, teremos inúmeras variáveis a partir de locais de fixação dos imigrantes para avaliarmos a marca de sua presença na sociedade de adoção.

Com este postulado em mente, podemos verificar como esse processo ocorreu no Brasil e nos Estados Unidos em relação à imigração e colonização holandesa. O exame de alguns tópicos principais nos darão certas pistas para considerações mais efetivas:

a) Na Holanda, os *locais de proveniência* dos emigrantes tem muito a ver com a *religião* a ser praticada no país para onde se destinaram.

A religião oficial da Holanda é o protestantismo calvinista, sob a égide da Igreja Reformada Holandesa. A sua abrangência atinge a maioria das províncias, mormente as do norte e centro do país.

O sul da Holanda é tradicionalmente católico em consequência da manutenção do poderio espanhol na época da luta pela independência das Sete Províncias Unidas. A própria situação geográfica condicionou a religião na Holanda, ficando protestantes os territórios situados acima do rio Reno e Católicos os abaixo do rio Reno (da margem esquerda).

Nos Estados Unidos, a Igreja Reformada Holandesa tornou-se a instituição mais importante estabelecida no período colonial. É em função dela que se manteve o espírito de união dos imigrantes e seus descendentes por quase três séculos. Os de origem católica passaram a ter significativa presença somente no século XX através do incentivo institucional da Igreja.

Segundo De Jong, “com poucas exceções, os estabelecimentos de holandeses católicos não sobreviviam como comunidades étnicas isoladas”¹⁰. Uma das razões apontadas é que eram em número menor. A outra, mais importante: a Igreja Católica é um órgão internacional que atravessa fronteiras, em contraste com as igrejas protestantes dos imigrantes que eram, geralmente, de caráter étnico e mantinham a língua e os costumes da pátria por muito tempo.

No caso dos EUA, os imigrantes holandeses de origem católica se americanizaram com maior rapidez que os protestantes, pois em geral preferiam os centros urbanos às que comunidades isoladas.

Pelo fator religião e proveniência, os holandeses, nos EUA, de origem católica são mais alegres, despreocupados e festivos em contraste com as maneiras puritanas dos calvinistas.

No Brasil, a colônia pioneira dos holandeses, Carambeí, é protestante e a sua manutenção deve-se muito à força da religião. Os católicos se estabeleceram anos mais tarde em forma de colônias (Holanbra I e II) mas há um grande contingente de imigrantes que se estabeleceu na zona urbana, diluindo-se e integrando-se na sociedade brasileira.

À exemplo dos Estados Unidos, também costumava-se apontar o caráter mais aberto dos católicos, em geral provenientes das províncias de Brabant, Limburg e parte de Gelderland.

b) Quanto à *atividade dos imigrantes* tanto no Brasil como nos Estados Unidos, a maior parte dedicou-se ao trabalho no campo, em fazendas, pois o grande atrativo era a busca de terras férteis e baratas. Muitos já eram fazendeiros ou *boeren* na Holanda e continuaram com a mesma atividade em seus novos lares.

Na Brasil, justamente a grande contribuição dos imigrantes holandeses provém de todas as inovações feitas em função do trabalho no campo, como veremos adiante.

c) Em termos de *aculturação*, há maneiras distintas de ser a mesma tomada em consideração nos dois países em questão.

Nos Estados Unidos, com a permanência e o contato étnico-grupal determinado pela religião protestante se poderia dizer que a *aculturação* se deu em maior intensidade. Mas devemos levar em conta as constantes correntes migratórias havendo sempre pessoal novo chegando, trazendo junto de si a "*holandesidade*" latente para as terras norte-americanas.

É muito difícil se medir o processo de *aculturação*, porém, há indícios que permitem constatá-lo.

Um deles é o casamento interétnico. Nos Estados Unidos, em função disso, diluíram-se muito as origens pela perda dos sobrenomes holandeses de mulheres que se casavam com americanos.

Outro indicio é a naturalização. Nos Estados Unidos, pelas estatísticas, indica-se que os imigrantes, principalmente os vindos após a II Guerra Mundial, naturalizaram-se em grande quantidade, mostrando que se adaptaram extraordinariamente bem ao país. No Brasil, as naturalizações não são muito expressivas por um grande motivo: a perda da eficiente assistência social na Holanda, em contraste com a que é oferecida no Brasil. Por aí se nota o comportamento do imigrante em função do local onde se estabelece. Esta variável é contrastante no Brasil e nos Estados Unidos pelo que os países oferecem neste campo de assistência social, principalmente, aos mais idosos.

Os meios de comunicação (rádio, TV, jornal e cinema) desempenham grande papel na marcha de *aculturação*. Nos Estados Unidos, por exemplo, após a década de 50, eles foram grandes responsáveis pela troca do campo pela cidade e das atividades exercidas pelos imigrantes holandeses. No Brasil, os meios de comunicação, além da função de reforço, do uso ou aprendizado da língua portuguesa, contribuíram para ampliar a visão local e rural dos colonos, colocando-os a par do mundo urbano, dissolvendo muitos dos estereótipos adquiridos nos primeiros tempos, pelo isolamento cultural.

Nos últimos anos, pode-se dizer que a experiência de um imigrante, ao se adaptar a um país, é menos sofrida do que no passado. Tanto nos Estados Unidos como no Brasil, há muitas associações, várias delas vinculadas à Igreja, tanto protestante como católica, que dão apoio ao recém-chegado, resolvendo problemas e ajudando-o a "se sentir em casa", na medida do possível.

d) Por outro lado, o contato próximo entre dois grupos étnicos faz com que os habitantes nativos construam imagens dos que chegam, a partir de seu país de origem. No Brasil, como nos Estados Unidos, a

Holanda surge como o país dos moinhos, tulipas, diques e tamancos de madeira. No geral, o país tem um bom conceito nas sociedades de adoção e uma imagem muito positiva quando é referida como a pátria-mãe dos imigrantes. E até em função desta boa imagem, os originários dos Países Baixos são bem aceitos no Brasil e nos Estados Unidos. Por outro lado, pelo contato contínuo dos imigrantes na América do Norte, muitas expressões se acrescentaram à língua inglesa, através de estereótipos advindos dos imigrantes neerlandeses e seus descendentes.

e) Na análise do processo de aculturação, o importante não é só verificar como os imigrantes se adaptaram ao país de escolha, mas, também, como chegaram a influenciar o novo meio ambiente.

É muito difícil saber em que medida esta influência se deve à “*holandesidade*” dos imigrantes ou à extensão de sua experiência nas terras brasileiras ou norte-americanas.

Os holandeses não representam um contingente numericamente grande, comparado com outros povos que saíram em massa da Europa. No Brasil e nos Estados Unidos dá para se avaliar, porém, qualitativamente, a marca da sua presença com as contribuições que deixaram e ainda deixam nas terras americanas.

Mas há diferenças grandes nestas contribuições, nos dois países — Brasil e Estados Unidos — em função da atuação do meio ambiente.

Nos EUA, o contato foi mais longo e constante. E nesta característica reside uma das grandes contribuições: a influência linguística. Segundo Gerald De Jong, — “O uso prolongado da língua holandesa em New York, New Jersey, durante o período colonial, causaram a incorporação de muitas palavras ao vocabulário norte-americano”¹¹. Os exemplos são inúmeros mas, como curiosidade, é bom lembrar que o próprio termo “*Yankee*”, hoje em dia, uma das formas de se designar todo o povo norte-americano, foi introduzido pelos holandeses a partir de *Jan Kaas* ou *Jan Keese*, o nome de um pirata que mais tarde foi aplicado como um termo desdenhoso a certos comerciantes de Connecticut, cuja falta de ética comercial não atraía a admiração dos holandeses.

O termo “Papai Noel” — em inglês — “*Santaclaus*” não é mais do que uma corruptela do holandês *Sinter Klaas* (São Nicolau), introduzido na América durante o período colonial de New Netherland.

Pode-se apontar também termos holandeses que deram nome a locais geográficos nos Estados Unidos como, por exemplo: Brooklyn (*Breuckelen*), State Island (*Staten Eiland*), Broadway (*Broodweg* — Estrada (caminho) do Pão), Wall Street (*Wal Straat* — Rua da Barragem), Harlem (cidade de *Haarlem*) e muitos outros.

No Brasil, esta influência foi bem menor mas há ainda alguns resquícios como: Quermesse (*Kermis*), Pier (*pier*), Polder (*polder*), Dique (*dijk*), Brote (uma bolacha muito comum no Nordeste — nome derivado de *Brood* = pão).

A sociedade norte-americana deve, também, notoriedade no campo político a três grandes presidentes: Theodore e Franklin Roosevelt, cuja ascendência pode ser traçada diretamente de imigrantes holandeses do período colonial de Nieuw Amsterdam, além de Martin Van Buren, o oitavo presidente americano.

Na literatura, escritores como Walt Whitman e Herman Melville, também descendentes de holandeses, são de notoriedade internacional, além do enciclopédico Hendrik Van Loon. As contribuições se estendem ao campo da ciência (astronomia, química, botânica, física, medicina e engenharia) e na área industrial, com as primeiras experiências de enlatados e congelamentos para a conserva de frutas, legumes e carnes feitas por Van Camp.

Se nos Estados Unidos as contribuições são mais evidenciadas a nível individual, no Brasil, a grande força detém sua proveniência no grupo, a partir das colônias.

Com o primeiro núcleo dos holandeses no Brasil, em Carambeí, Paraná, seguidos, posteriormente, por Castrolanda e Arapoti, o setor agrícola alcançou grande desenvolvimento. “Os campos paranaenses, desprezados por ocasião da vinda dos primeiros imigrantes, transformaram-se em zonas de grande produtividade, com o cultivo da batata, milho, arroz e trigo”¹² e, recentemente, forrageiras e soja.

O melhoramento qualitativo do solo também foi conseguido em Holambra, em São Paulo, tornando-a um modelo de colonização agrícola, tanto na fruticultura (maçãs, laranjas, limões e nectarinas) para o consumo do mercado interno e externo, como na floricultura, onde milhões de rosas, gladiolos, crisântemos e orquídeas seguem acondicionados para todo o Brasil, Europa e América do Norte.

Os imigrantes holandeses, no setor de alimentação, trouxeram contribuições à população brasileira, introduzindo o iogurte, leite chocolateado (Chocomilk), leite gelificado, pão de centeio, torradas holandesas. A fabricação de queijos ganhou subsídios com a introdução de novos tipos como “Gouda”, “Edam” e “Leiden”.

No setor pecuário está, também, a grande marca dos imigrantes holandeses e seus descendentes com a introdução do gado frísio-holandês que se tornou um dos mais procurados produtos das colônias. O cons-

tante cruzamento de gado autóctone com os animais de raça criou um tipo bom para a produção de leite e com suficiente resistência para enfrentar o clima local.

A presença da colonização holandesa no Brasil, com quase oitenta anos de atividade, e nos EUA, com três séculos de permanência, juntamente com imigrantes de outras nacionalidades, ajudaram sobremaneira esses dois países a se constituírem como nações.

Se, num primeiro momento, os imigrantes vieram com objetivos específicos de obter terras e melhores condições para seus filhos, ao se fixarem no país de adoção, através de seus descendentes, deixaram, sem dúvida, muito de si, contribuindo para o progresso das nações americanas do norte e sul do continente.

NOTAS

- (1) — Gerald F. de Jong. *The Dutch in America*. Boston, Twayne Publishers, 1975: 12.
- (2) — Verissimo de Melo. *I Simpósio de Pesquisa e Folclore*. São Paulo, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977: 177.
- (3) — Gerald F. De Jong. *The Dutch in America*: 262.
- (4) — Idem: 108.
- (5) — Arlinda Rocha Nogueira e Lucy Maffei Hutter. *A colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Garatuba/IEL, 1975: 54-55.
- (6) — Jean Roche. *A colonização alemã do Espírito Santo*. São Paulo, DIFEL/EDUSP, 1968, 324.
- (7) — H. Hack. *Dutch group settlements in Brazil*. Amsterdam, Royal Tropical Institute, 1959: 6.
- (8) — Sonia M. Bibe-Luyten. *Comunicação e aculturação: a colonização holandesa no Paraná*. São Paulo, Loyola, 1981: 21.
- (9) — Gerald F. De Jong. *The Dutch in America*: 187.
- (10) — Idem: 201.
- (11) — Ibidem: 106.
- (12) — Sonia M. Bibe-Luyten. *Comunicação e aculturação: a colonização holandesa no Paraná*. São Paulo, Loyola, 1981: 51.